

# DANDO NOME AOS BOIS: UMA LEITURA DISTÓPICA DO MILAGRE ECONÔMICO BRASILEIRO PELA VISÃO DE CHICO BUARQUE<sup>1</sup>

## NAMING THE OXEN: A DISTOPIC READING OF THE BRAZILIAN ECONOMIC MIRACLE FROM CHICO BUARQUE'S VISION

---

Lucélia Magda Oliveira da Silva<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Considerando que *Fazenda modelo* (1976), de Chico Buarque, tece críticas ao período do Milagre Econômico Brasileiro (modelo econômico implantando entre 1969 e 1973 pelo Regime Militar), este estudo visa observar a perspectiva do autor sobre o referido período, relacionando as medidas tomadas por Juvenal para o desenvolvimento industrial, econômico e social da Fazenda Modelo com aquelas tomadas pelos militares, durante a vigência do Milagre. Para tanto, serão utilizados como aporte teórico os livros *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003), de Roberto de Sousa Causo; e *Ficção científica brasileira* (2005), de Elizabeth Ginway, bem como estudos feitos acerca do Regime Militar e da política econômica adotada, o Milagre.

**Palavras-chave:** Ficção científica. Ficção científica brasileira. Milagre Econômico Brasileiro. *Fazenda modelo*.

**ABSTRACT:** Considering that Chico Buarque's *Fazenda modelo* (1976) has criticized the Brazilian Economic Miracle period (an economic model implemented between 1969 and 1973 by the Brazilian Military Regime), this study aims to observe the author's view of that period, relating the measures taken by Juvenal for the industrial, economic and social development of Fazenda Modelo with those taken by the military during the miracle. To this end, we will use as theoretical contribution the books *Science fiction, fantasy and horror in Brazil: 1875 to 1950* (2003), by Roberto de Sousa Causo; and Elizabeth Ginway's *Ficção científica brasileira* (2005), as well as studies on the Military Regime and the economic policy adopted, the Miracle.

**Keywords:** Science fiction. Brazilian science fiction. Brazilian Economic Miracle. *Fazenda modelo*.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 22 de setembro de 2019 e aceito em 18 de novembro de 2019. Texto orientado pela Profa. Dra. Naiara Sales Araújo (UFMA). Este trabalho teve apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras Português-Espanhol da UFMA.  
E-mail: lumagdas@hotmail.com



## INTRODUÇÃO

A História é permeada por narrativas que buscam a compreensão do homem e do meio no qual estava inserido. Para os povos antigos, entender a dinâmica do mundo significava proteção, enquanto que o desconhecido era sinônimo da morte. Assim surgem os mitos, narrativas em que os deuses e outras criaturas sobrenaturais eram responsáveis pelas regras que regiam o universo.

Com o desenvolvimento da razão e da consciência humana, os mitos já não satisfaziam mais a sede de conhecimento da humanidade. Tornou-se necessário buscar razões lógicas para os fenômenos da natureza e a compreensão da consciência. Assim, aparecem as ciências experimentais, que através do método científico (observação, problematização, hipótese) exploram fenômenos físicos, químicos e biológicos, valendo-se de dados empíricos para explicar o mundo.

Tais ciências começam seu apogeu a partir do Renascimento, principalmente por conta das teorias e estudos realizados por Leonardo da Vinci, Copérnico, Galileu Galilei, Francis Bacon, Descartes e Newton, citando apenas os mais célebres. A partir do século XVII, as ciências sociais despontam, tendo como pressupostos os ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade.

Com a Revolução Industrial no século XVIII, as técnicas e tecnologias tornaram-se as responsáveis por permitirem novas visões do meio, principalmente quando elas se relacionavam com as ideias do futuro. Nesse sentido, as histórias que dominavam a imaginação com criaturas fantásticas cederam um pouco do seu espaço para aquelas que contemplavam um futuro maravilhoso, repleto de possibilidades viáveis, graças ao uso da tecnologia.

Escritores como Jules Verne e H. G. Wells souberam aproveitar muito bem esse momento, criando narrativas sobre civilizações mais avançadas, lugares desconhecidos e/ou situações impossíveis à época, como circundar o globo em um curto espaço de tempo, como se pode ver em *A volta ao mundo em oitenta dias* (1873), do escritor francês; ou impossíveis ainda hoje, como a *Máquina do tempo* (1895) de H.G Wells, que apresenta uma civilização futura que combateu a fome e a guerra, mas que, por trás da aparente perfeição, esconde uma sociedade que beira o selvagem.

Essas narrativas ficariam conhecidas como sendo de protociência científica – já que o termo **ficção científica** só viria a ser cunhado anos mais tarde, por Hugo Gernsback, em 1929, quando da criação da revista *Science wonder stories*. Seguido a isso, houve um aumento significativo na produção desse tipo de histórias, que são difíceis de definir, mas fáceis de reconhecer (TAVARES, 1992, p. 7).



Gary K. Wolfe reconheceu alguns ícones, ou elementos, que são bastante recorrentes nesse gênero: o robô, o alienígena, a espaçonave, a cidade e a terra devastada (GINWAY, 2005, p. 14), que possibilitaram uma melhor estruturação do gênero, além permitirem verificar visões sobre a relação do homem com a ciência e o progresso tecnológico.

Já Skourupa, além daqueles citados por Wolfe, postula a existência de outros ícones, os quais ele denomina *mitos*, que geram uma relação de verossimilitude entre a ficção científica e a ciência propriamente dita, sendo quatro comuns a ambos e dois particulares à ficção científica: o mito da teoria (ou hipótese), o mito do cientista, o mito da instituição científica, o mito da máquina, o mito do disco voador, e o mito da profecia (SKOURUPA, citado em MONT'ALVÃO JÚNIOR, 2019).

É fato que assim como ocorre com o seu gênero irmão, o fantástico, a ficção científica possui uma relação de verossimilhança com o mundo real, visando a um maior envolvimento com o leitor, ainda que o enredo seja de uma *space* ópera – histórias que se passam no espaço sideral, geralmente envolvendo viagens interplanetárias –, por exemplo.

Pensar em ficção científica é pensar em mudanças, possibilidades do que pode vir a ocorrer como fruto da relação homem-máquina ou homem-ciência. Orson Scott Card, autor do livro de ficção científica *O jogo do exterminador* (1985), afirma que “os leitores de FC já estão preparados para os muitos futuros” (CARD, citado em CAUSO, 2003, p. 43), não por saberem o que eles reservam, mas por já terem visto muitas de suas possibilidades. Assim, o futuro que vier a acontecer não surpreenderá o leitor de ficção científica, pois ele já terá uma ideia de como vivê-lo.

Isso é possível de se observar, por exemplo, na vertente distópica da ficção científica, na qual o devir da sociedade está representado de forma negativa, em lugares devastados ou sob um forte regime político pautado no controle dos cidadãos, mostrando “repetidamente que temos muitas ideias de como fazer o inferno na Terra” (ATWOOD, 2011, p. 9). Se nas demais obras de ficção científica a tecnologia é fator primordial para o desenvolvimento da narrativa, na ficção científica distópica ela é movida para um segundo plano, para que o maquinário político possa atuar:

(...) não um grande dispositivo mecânico literal, mas um dispositivo político figurativo. É a sociedade planejada, levada à sua conclusão lógica, baseada na visão mecanicista da humanidade, e no conceito-colmeia de fazer caberem indivíduos em seus nichos apropriados. (GINWAY, 2005, p. 33)



A introdução da máquina política somada à extrema familiaridade com o real causa, ao mesmo tempo, no leitor, um *sense of wonder*<sup>3</sup> e terror, levando-o a uma reflexão social. Ao mostrar uma realidade aparentemente perfeita, mas onde direitos básicos dos cidadãos são retirados pelo Estado – com a justificativa de ser em prol do desenvolvimento e do bem comum – faz com que o leitor pense em alternativas para deter tal situação, caso ela venha a acontecer no mundo real.

É nesse sentido que Chico Buarque escreve a sua novela pecuária, *Fazenda modelo* (1976), objeto de estudo neste trabalho. Pretende-se aqui observar a crítica que o autor faz sobre a ditadura militar brasileira, especialmente o período que vai de 1969 a 1973, quando ocorreu o chamado Milagre Econômico Brasileiro, período de forte crescimento econômico e tecnológico, mas que trouxe resultados catastróficos ao país, como aumento da dívida externa, da inflação e posterior redução do PIB.

Aqui se fará uma análise das medidas técnico-progressistas tomadas pelo boi Juvenal, administrador da fazenda que dá nome ao livro, bem como a relação dessas medidas com aquelas tomadas pelo governo militar. No entanto, antes de se chegar à análise propriamente dita, faz-se necessário explorar a produção de ficção científica exclusivamente brasileira.

## FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA

Diferentemente do que ocorreu em outros países, a produção de obras de ficção científica brasileira se deu tardiamente, haja vista que o Brasil sempre foi um país majoritariamente agrário, com pouco investimento em tecnologias, durante o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Segundo Thomas D. Clareson, esse foi um fator preponderante na hora de explicar a baixa produção de ficção científica numa nação, pois se não há desenvolvimento tecnológico, “ela não terá os escritores e a audiência para a FC porque, individualmente e coletivamente, o interesse literário jaz em outra parte” (CLARESON, citado em CAUSO, 2003, p. 57-58). Isso se deu, principalmente,

---

<sup>3</sup> “(...) ‘sentido de maravilhoso’ (*sense of wonder*) podem ser interpretados como a evolução de um princípio que pressupõe a presença de um fato extraordinário interpenetrando a consciência do real e do cotidiano, causando, em alguma medida, o choque entre o que a consciência admite como parte de sua experiência imediata, e esse algo novo que vem desafiar a experiência. Às vezes chamado de ‘estranhamento’, tal choque está na base de toda a ficção especulativa” (CAUSO, 2003, p. 78, ênfase no original); “*Sense of wonder* é uma expressão romântica, que fala do temor e da simultânea fascinação que o homem tem diante do universo, e a mistura de medo e dessa busca pelo conhecimento gera uma atitude que espelha a do ‘futuro de consenso’” (p. 83, ênfase acrescentada).



porque os escritores daquela época se ocupavam mais com gêneros que fortaleciam o espírito nacionalista tão abalado nos últimos tempos, já que a literatura sempre fora vista "como prática constitutiva da nacionalidade" (CANDIDO, citado em HANSEN, 2003, p. 21).

A partir da década de 1960, as histórias de ficção científica ganham um espaço no cenário editorial do país, principalmente com a criação das Edições GRD, do editor Gumercindo Rocha Dorea, que publicava contos de escritores que até então publicavam seus textos com meios próprios, além de escritores estrangeiros renomados, como Isaac Asimov, Jules Vernes e H.G. Wells. Se nos países desenvolvidos a tecnologia era tida como portadora de benefícios, na ficção científica brasileira ela será motivo de desconfiança quando nas mãos humanas, tendo em vista os horrores causados pelas guerras, trazendo mais problemas que solução (GINWAY, 2005, p. 39).

As primeiras narrativas de ficção científica brasileira reafirmaram alguns aspectos sobre o Brasil e sua gente, os quais Elizabeth Ginway chama de mitos: Brasil como "paraíso tropical" (GINWAY, 2005, p. 16), sendo uma "democracia racial" (p. 16), com um "povo dócil" (p. 16) e "sensual" (p. 16), e com um "enorme potencial para a grandeza" (p. 16). Já a respeito do tema, Causo (2003) afirma que houve maior divulgação de obras que tratavam de mundos perdidos, sendo a disseminação desse tema possivelmente motivada pela vastidão, excentricidade e, por que não, exuberância do país.

A partir dos anos de 1970, há um aumento na desilusão com a tecnologia causada, principalmente, pela política de desenvolvimento a todo custo proposta pelo regime militar. Saíram de cena as narrativas de terra devastada e emergiram aquelas de cunho político e ideológico, criticando o Regime e a passividade da população. Nesse período, a ficção científica distópica foi amplamente cultivada, servindo como alegoria do Brasil, sob o comando dos militares, utilizando determinados recursos estilísticos para realizar críticas (GINWAY, 2005).

Por conta disso, a ficção científica brasileira desse período deixou para segundo plano a tecnologia (robôs, alienígenas, computador, etc.) e trouxe à luz questões políticas e sociais. Aborda-se, então, o controle do Estado sobre as pessoas, a censura aos serviços de comunicação e meios de entretenimento, a má distribuição de renda e a desigualdade social, bem como as controversas políticas de desenvolvimento econômico.

É nessa perspectiva que a novela de Chico Buarque é produzida. Nela, como será visto mais à frente, a tecnologia aparece como mais um elemento de controle do Estado, representado pela figura do boi Juvenal. A ciência deixa de ser personagem e passa, então, a ser uma arma de controle bio-ideológico dos administradores da Fazenda Modelo sobre os demais animais.



## FAZENDA MODELO E O MILAGRE ECONÔMICO BRASILEIRO

*E dono de gado e gente, porque gado a  
gente marca*

*Tange, ferra, engorda e mata, mas com  
gente é diferente*

(Geraldo Vandré)

*Êeeeeh! Oh! Oh!*

*Vida de gado*

*Povo marcado*

*Êh!*

*Povo feliz!*

(Zé Ramalho)

Escrita por Chico Buarque enquanto estava em exílio na Itália, *Fazenda modelo* (1976) tece uma crítica ao regime ditatorial brasileiro, tendo como foco o período entre 1969 e 1973, o qual se deu o nome de Milagre Econômico Brasileiro. Nesse período o país experimentou uma taxa de crescimento econômico muito grande, motivado, principalmente, pela urbanização e forte investimento em tecnologia, além de favorecer a entrada de capital estrangeiro no país, o que possibilitou a expansão da Petrobras, a criação da usina hidroelétrica de Itaipu, e obras de infraestrutura, como a Ponte Rio-Niterói, inaugurada em 1974, e a rodovia Transamazônica, que nunca chegou a ser finalizada (medidas tomadas por meio do Programa de Ação Econômica do Governo - PAEG, e do I e II Plano Nacional de Desenvolvimento - PND). O portal do periódico El País Brasil (2019) afirma que:

De fato, nesta época, o país conseguiu crescer exponencialmente, cerca de 10% ao ano, e atingiu, em 1973, uma marca recorde do Produto Interno Bruto (PIB), que aumentou 14%. O avanço veio acompanhado também de uma forte queda de inflação. A taxa, medida na época pelo Índice Geral de Preço (IGP), caiu de 25,5% para 15,6% no período. (EL PAÍS BRASIL, 2019)

No entanto, o crescimento observado nesse período não atingiu a população de forma homogênea. Ainda que o país estivesse experimentando um desenvolvimento econômico, talvez nunca antes visto em um curto período de tempo, a população mais pobre não obteve acesso a esse capital. Houve uma



grande concentração de bens nas mãos das classes mais favorecidas, o que fez com que aumentasse também a desigualdade social.

No ano de 1973, o índice de Gini<sup>4</sup> estava em 0.63, número elevado se for considerado que, antes do Regime, em 1960, o mesmo apontava uma taxa de 0.54 (EL PAÍS BRASIL, 2019). Sobre tal situação, quando perguntado, o então Ministro da Fazenda, Delfim Netto, afirmava que o Milagre Econômico era como um bolo: primeiro era necessário fazê-lo crescer para, em seguida, dividi-lo (OLIVEIRA, 2016).

Diante dessa realidade, Chico Buarque apresenta uma visão de Brasil diferenciada daquela que geralmente era apresentada em suas composições musicais: o país como uma enorme fazenda, tendo a sua população transformada em gado, passiva aos caprichos de Juvenal, o Boi-Mor, o Boi-Bom, o Humilde, o Tenaz, administrador da Fazenda.

O livro mostra a vida dos bois e vacas habitantes da Fazenda Modelo após a decisão de Juvenal de torná-la um lugar menos selvagem, mais civilizado, implementando técnicas de industrialização que eram utilizadas em outras fazendas ao redor do mundo. Visando deixar a alegoria mais forte e aumentar a proximidade do leitor com a obra, o autor faz uma dedicatória a Latucha, sua esposa. Em seguida, ele realiza uma série de agradecimentos a pessoas que foram importantes para a criação do livro: o Inspetor Klaus, o Dr. Kapp e o Professor Kazuki. A obra traz, também, um prefácio, de um tal K. Kleber (da A.F.M.L.), elogiando o trabalho de Chico, quando da escrita do livro.

Contudo, à medida que se avança na leitura da obra, verifica-se que todos os nomes citados antes do **início** da história são de personagens do livro. Dessa forma, Chico se insere no contexto da Fazenda Modelo, afirmando que também faz parte do rebanho de Juvenal. Nota-se, também, que a narrativa de *Fazenda modelo* havia se iniciado desde a dedicatória do livro, algo que não se costuma observar em outras produções do tipo.

Para demonstrar que a história começaria de fato, faz-se a introdução da Fazenda Modelo, mostrando a composição da sua paisagem e da sua vasta população. Era o cenário típico de uma fazenda: grande variedade de árvores, com sol, chuva, lama, estrelas, além de que os animais copulavam ao ar livre e sem nenhum tipo de controle. Apesar do caos aparente, era um lugar bonito.

---

<sup>4</sup> Criado pelo matemático italiano Conrado Gini, o índice observa a relação de desigualdade econômica em um determinado grupo, em uma escala que vai de 0 (zero) a 1 (um). Se todos possuem as mesmas condições financeiras, o índice está em zero; se o mesmo se encontra em 1 (um), significa que somente uma pessoa detém toda a riqueza. Ou seja, quanto mais próximo de 1 (um), maior é a desigualdade daquele grupo.





Tudo mudou quando Juvenal olhou para aquela situação e decidiu mudá-la, trazendo ordem à fazenda e levando-a ao desenvolvimento econômico. No segundo capítulo do livro, denominado *Ato*, tem lugar a primeira medida de Juvenal para controle da fazenda: a sua autoproclamação como conselheiro-mor.

POR MEIO de um documento que não cabe reproduzir aqui, porque muito extenso, e insosso, e repleto de vírgulas, como a maioria dos ofícios, que falam assim aos tropeções, por meio de um documento desses, quase incompreensível porque redundante, truculento, ficou nomeado Juvenal, o Bom Boi, conselheiro-mor da Fazenda Modelo. A ele todas as reses devem obediência e respeito, reconhecendo-o como seu legítimo chefe e megarefe. (BUARQUE, 1976, ênfase no original)

Esse tal documento, e também por conta do próprio título do capítulo, em muito lembra os atos institucionais publicados pelos militares, que faziam imposições autoritárias que iam de encontro ao que a população desejava e precisava, além de fazer alusão ao próprio golpe por eles perpetrado, onde se autoproclamaram governantes da nação.

Após ser empossado, o primeiro ato de Juvenal foi nomear correligionários seus para ocuparem cargos na administração da fazenda, atentando para as habilidades de cada um. Quando isso é apresentado na história, o narrador (que até então não recebe um nome) parece ressaltar os nomeados cujos cargos poderiam trazer algum mal-estar físico à população, como o artesão Karim: "(...) encarregado da ferra, era o mais inspirado. Não satisfeito com a simples impressão das iniciais da Fazenda (FM), tatuava as letras nas mais formidáveis combinações, até que as carcaças ficassem lembrando um mosaico (...)" (BUARQUE, 1976).

A partir da autoproclamação de Juvenal e da escolha de seus assessores, é que se começa a perceber o caráter distópico da obra, pois no período da ditadura a literatura era um meio de diagnosticar a experiência da sociedade diante dos abusos de poder e uso de violência (NAPOLITANO, 2018).

Assim, a primeira crítica efetiva que Chico Buarque tece ao período do Milagre Econômico é quando Juvenal prepara um banquete em comemoração ao futuro da fazenda sob seu comando. No banquete estavam as castas mais nobres da sociedade da fazenda; já as mais pobres apenas observavam de longe a festança. Em dado momento, Juvenal decide fazer um pronunciamento àqueles que apenas observavam.





Como ainda não existe suserano sem vassalagem, Juvenal também dirigiu a palavra às classes menos favorecidas, as quais um dia haveriam de lucrar, em proporção indireta, com o desenvolvimento integral e racional da Fazenda Modelo. Por enquanto pedia-lhes um pouco de paciência pois Roma não se fez num dia. E as riquezas da Fazenda, é mister concentrá-las antes de se pensar numa distribuição, senão atrapalha toda a contabilidade. (BUARQUE, 1976)

Nota-se nesse pronunciamento um discurso muito semelhante àquele proferido pelo então ministro Delfim Netto sobre a questão da não diminuição da desigualdade social durante o período do Milagre. De fato, houve o crescimento esperado para o país, mas poucos puderam participar de seus benefícios. À maioria coube apenas observar a chegada do progresso e, em seguida, o pagamento da conta deixada por ele.

A primeira medida de avanço tecnológico tomada por Juvenal foi a instalação de uma grande e brilhante tela que transmitia uma vasta programação, atendendo aos gostos mais variados, desviando a atenção da população para coisas supérfluas, fazendo-a se esquecer daquilo que de fato era importante.

Vale lembrar que na época da ditadura, o Brasil passou por um fenômeno semelhante com a chegada da TV em cores ao país, no ano de 1970, durante a transmissão dos jogos da copa do mundo de futebol masculino, no México, o que possibilitou aos brasileiros acompanhar mais proximamente e com maior riqueza de detalhes as notícias de países mais desenvolvidos, bem como esquecer as mazelas às quais estavam submetidos.

Isso se verifica, principalmente, quando Juvenal decide iniciar o processo de industrialização da fazenda, separando bois e vacas segundo as características que melhorassem os futuros espécimes da fazenda. Assim, o boi Abá foi eleito o touro reprodutor e Aurora, sua esposa, uma das vacas com potencial para produzir bezerros com *pedigree*.

Mesmo sendo observada com desconfiança, tal medida não causou revolta em Abá, Aurora e nem nas demais vacas, haja vista a grande quantidade de promessas feitas por Juvenal a todos. Assim, a cópula passou a ser direcionada aos objetivos do administrador da fazenda, segundo rigorosos métodos e técnicas de reprodução animal assistida e em escala industrial. Tem-se aí o controle do Estado sobre o corpo biológico, em que o sexo passou a ser mais uma das engrenagens de controle social. Foucault defende que há dois polos de controle populacional:



(...) intervenções e *controles reguladores: uma bio-política da população* (...) caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo. (FOUCAULT, 1988, p. 131, ênfase no original)

Assim, dessas cópulas programadas nasceram os primeiros bezerros gerados a partir de uma seleção artificial. Bráulio Tavares afirma que as primeiras criaturas artificiais imaginadas pela ficção científica eram aquelas concebidas em laboratório (TAVARES, 1992). No caso da obra de Chico Buarque, ainda que a experiência não tenha ocorrido em um laboratório propriamente dito, pode-se considerar que os frutos das relações entre Abá, Aurora e as demais vacas eram criaturas artificiais, justamente pela natureza de sua concepção, que preconizava o que, alguns anos depois, iria se tornar possível no mundo todo, a fertilização *in vitro*.

Por vezes, há na obra uma mudança no foco narrativo. De acordo com quem está contando, a narrativa é feita como um breve relato, diário ou carta. A mudança de narrador permite, por exemplo, observar o comportamento das vacas e suas atitudes, quando da repentina mudança no período da cópula e, até mesmo, nos cuidados pré e pós-natais. Por meio da confissão de Aurora, pode-se ter uma noção da preocupação de Juvenal com os filhotes que estavam sendo gerados. Aurora, em determinado momento do seu relato, chega a afirmar que o administrador parecia mais entusiasmado que Abá, como se ele próprio fosse o pai daquelas crianças.

Apesar de demonstrar grande preocupação e entusiasmo, é perceptível em Juvenal que isso se dá única e exclusivamente por interesses mercadológicos, o que fica bastante evidente em dois momentos da trama: a) no assassinato da vaca Ariadna, acusada de utilizar o cordão umbilical para transmitir ao filho pensamentos subversivos; b) quando nascem os bezerros, sendo afastados de suas mães para que o leite produzido em excesso pudesse ser comercializado. Há então a introdução da ordenha mecânica, o que possibilitou a exportação do leite e a criação de mais uma fonte de renda para Juvenal.

Nota-se, portanto, que o interesse de Juvenal está no lucro que aquelas inseminações poderiam lhe proporcionar, já que “na lógica industrial o corpo [biológico] passa a ser visto como força de trabalho” (MAROUN; VIEIRA, 2019), logo, é fonte de poder econômico. Iludidas pelas falsas promessas e convencidas de que tudo aquilo se convergiria em benesses para todas, as vacas se docilizaram diante das imposições do administrador da fazenda, mesmo com a ocorrência de mortes sem explicação plausível ou a separação de famílias. Foucault explica que “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de



utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 1988, p. 119).

Diante do sucesso na produção de bezerros de boa linhagem, Juvenal decidiu expandir seus negócios e exportar também o sêmen de Abá. Ele e seus correligionários estudaram as melhores possibilidades para a produção de um fluido de boa qualidade: a) coleta vaginal; b) vagina artificial; c) massagem retal; d) e, por fim, eletro-ejaculação (método que foi adotado com maior vigor, já que foi o único que apresentou resultados satisfatórios).

Isso fez com que Juvenal abrisse as portas da Fazenda Modelo para a entrada de investimentos estrangeiros, da mesma forma que o Milagre possibilitou ao Brasil. Esse ponto da história é bastante interessante, pois retrata o desejo de Juvenal em promover na fazenda um gradual processo de eugenia e globalização, como se pode ver a seguir:

Agora somos uma Fazenda em vias de industrialização. Nossa imagem vai-se assemelhando à imagem dos grandes. Aos poucos iremos ficando louros, lisos, brancos de neve, diáfanos, transparentes, até que invisíveis, para também podermos rir das outras fazendolas que só tem **don't know-how**. (BUARQUE, 1976, ênfase acrescentada)

E, de fato, a fazenda já passava por diversas mudanças que podem ser observadas nos dois mapas que são apresentados ao leitor (Fig. 1). No primeiro mapa, verifica-se uma divisão bem simples do interior da fazenda e de seus arredores. Já o segundo mapa traz uma divisão interna mais complexa, com a fazenda dividida de acordo com as atividades desempenhadas em cada região, além de que seus próprios arredores passaram por modificações, com alguns pequenos sítios sendo incorporados a outros maiores. À esquerda pode-se observar a divisão da Fazenda Modelo antes das medidas de Juvenal. Trata-se de uma divisão mais simples, relacionada à geografia da fazenda. À direita nota-se que a fazenda sofreu alterações, cuja divisão agora se refere às atividades que são desenvolvidas em cada localidade.



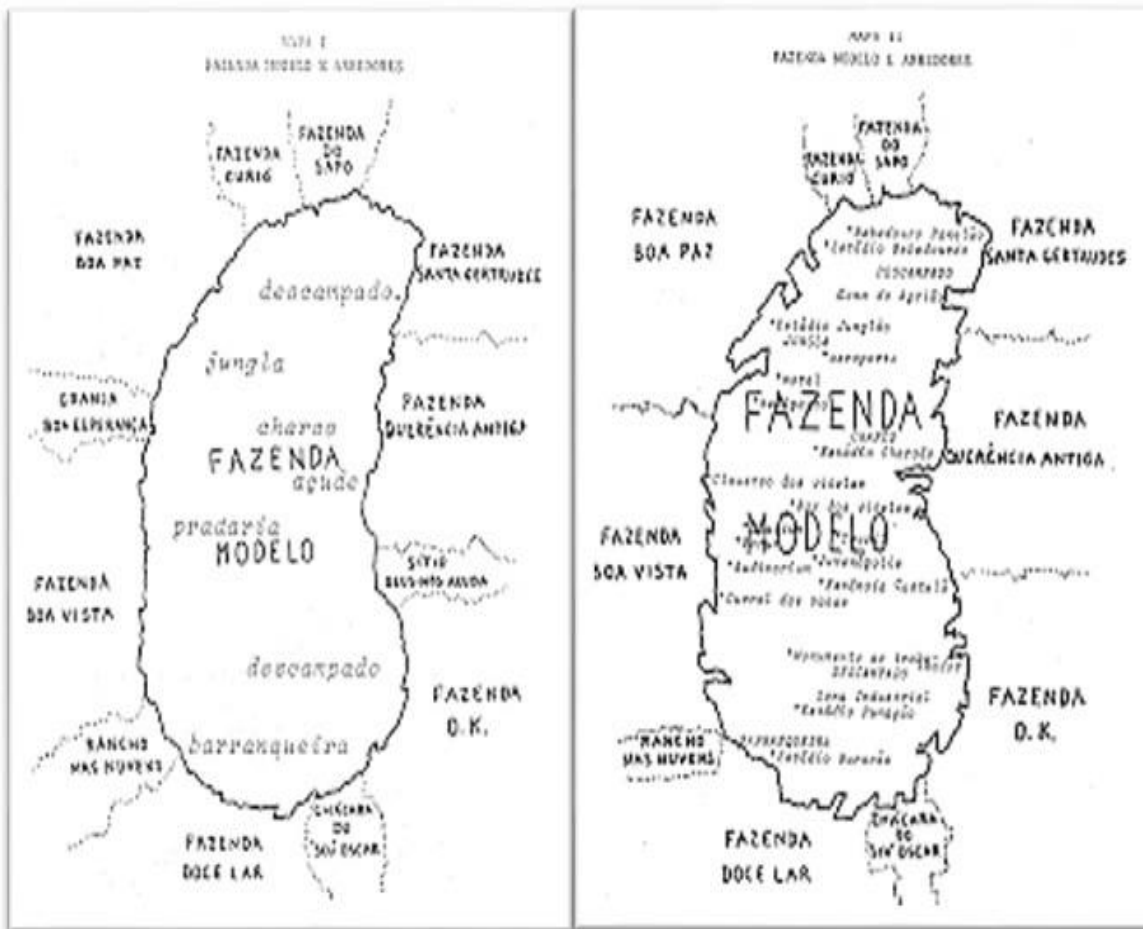


Figura 1: Mapas I e II da Fazenda Modelo. (OLIVEIRA; SILVA, 2014, 103).

Quanto à divisão interna, nota-se que a obra faz uma reflexão sobre as consequências causadas pela política desenvolvimentista dos militares durante o Milagre, já que na fazenda o progresso seria o responsável pelo surgimento de novas cidades, como Juvenópolis (em homenagem a Juvenal), e a degradação do meio ambiente (a Jungla) para a construção de obras de infraestrutura.

Num minuto lotearam tudo, asfaltaram, mataram as cobras, esconderam os macacos, consertamos os papéis, baixei um decreto e a Jungla Modelo ficou faxinada e pronta para vender. Lógico que os de fora, os invisíveis, assim que voltaram e viram a esplanada que era um aeroporto, com telefone, água encanada, motel, caça à vontade e pesca a dinamite, aterrissaram e alugaram tudo correndo. Logo começaram a fazer turismo e cavar buracos. Cavaram, cavaram e deram a sorte de descobrir coisas que ninguém desconfiava: ferro,



cobre, cristal de rocha, urânio, diamante, manganês, bauxita, cassiterita e outros metais desconhecidos que nem quero saber. Quando o turista cansar de descobrir coisas, quando ele limpar o madeirame que espalhou e desocupar o local, ainda deixa um descampado bom para aquela boiada que procria mais que erva daninha em época de vacas magras. (BUARQUE, 1976)

Outro ponto importante da obra é narrado sob o ponto de vista do personagem João Adão, ou simplesmente João-do-patrão, que trabalhava na Kulmaco, uma empresa que fabricava materiais de construção. Ele sentia uma profunda admiração por Juvenal e por todas as mudanças por ele realizadas, o que o impedia de compreender as críticas que seus companheiros de fábrica faziam ao patrão. Para João, "a Kulmaco era a própria Fazenda, a evidência do progresso" (BUARQUE, 1976). Nota-se que, para as classes trabalhadoras, desenvolvimento industrial e desenvolvimento econômico eram sinônimos.

No entanto, o sonho de Juvenal fora frustrado por sua própria ganância. A introdução da eletro-ejaculação possibilitou ao touro Abá orgasmos tão potentes, que ele acabou viciado pelas sensações causadas pela máquina.

Abá já não queria mais as vacas de verdade, pedindo cada vez mais a estimulação por choque. Isso acarretou uma queda da qualidade do seu sêmen (que a esta altura da história já havia mudado seu nome para Incitatus), já que o boi produzia cada vez menos esperma, além de já não conseguir controlar as suas ejaculações.

Vendo seu negócio naufragar por sua própria culpa, Juvenal decidiu exterminar todo o gado da Fazenda Modelo e migrar para o plantio de soja, produto que estava em grande ascensão no mercado.

Mas, assim como o que ocorreu com a Fazenda Modelo, o Milagre Econômico Brasileiro revelou-se um projeto fracassado. Se nos anos iniciais do Milagre o país observou um rápido crescimento econômico e industrial, ao deixarem o poder em 1985, os militares mostraram que todo aquele crescimento teria consequências devastadoras para o país.

Primeiramente, para fazer com que o plano desse certo foi necessário reter o reajuste no salário mínimo, que na época aumentava de acordo com a inflação. Para forçar o apoio popular a essa retenção, os militares enfraqueceram o aparato sindical e diminuíram o direito grevista dos trabalhadores. Logo, quaisquer tentativas de insurgências eram reprimidas com o uso da violência.

Em segundo lugar, o Milagre possibilitou o crescimento da dívida com o FMI (Fundo Monetário Internacional), pois, assim como Juvenal não estava preparado para a possibilidade de vício em eletroejaculação por



Abá/Incitatus, os economistas brasileiros da época do Milagre não esperavam as crises internacionais de 1973 e 1979, motivadas pelos embargues internacionais promovidos pelos países árabes para a exportação de petróleo, o que acarretou no aumento do preço do barril.

Além disso, a industrialização da cidade e do campo levou a um forte êxodo rural na década de 1970, cerca de 30%, segundo dados do IBGE (ALVES; SOUZA; MARRA, 2019), o que ocasionou uma forte e desenfreada urbanização, com o surgimento e crescimento de favelas; além de que a falta de qualificação fortaleceu empresas privadas, transformando os imigrantes rurais em mão-de-obra barata.

Ainda hoje, é possível observar os reflexos negativos deixados pelo Milagre, já que o Brasil nunca chegou a se recuperar completamente dos danos causados por ele. Para se ter uma ideia, em 1985 a dívida externa somava 49,8% do PIB (BAHRY; PORCILE, 2004). Antes do Golpe, ela se encontrava em 15,7%. Já a inflação, no final da ditadura, encontrava-se em 223% e só fez aumentar nos anos seguintes, atingindo a taxa de 1.782%, agora no governo (re)democrático de José Sarney.

## CONCLUSÃO

Ao retratar o Brasil do regime ditatorial como uma fazenda modelo (um lugar onde são realizadas experiências agropecuárias), Chico Buarque apropria-se politicamente da literatura, criticando o governo e a passividade do povo. Ao fazer uso da prosopopeia e da personificação, o autor aproxima o leitor da realidade da Fazenda, despertando sua consciência crítica (OLIVEIRA, 2016). Por conta de seu lento caminhar rumo ao progresso científico, Elizabeth Ginway (2005) afirma que a ficção científica é a melhor maneira de observar o processo de modernização do país e seu impacto na vida das pessoas, principalmente quando esse processo projeta no futuro ideais de uma utopia moderna (OLIVEIRA, 2003).

Trazendo para o cenário uma visão distópica do país, Chico Buarque rompe com a crença de que seriam boas as consequências do progresso, mostrando que nem sempre aquilo que o governo pensa ser bom para o povo realmente o é. As provas disso são os resultados catastróficos causados por planos estabelecidos durante o período do Milagre Econômico, que ainda hoje podem ser observados, quase quarenta anos após o ocorrido.



## REFERÊNCIAS

ALVES, E. R. A.; SOUZA, G. S.; MARRA, R. *Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010*. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/80653/1/Exodo-e-sua-contribuicao.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2019.

ATWOOD, M. Por que precisamos da ficção científica. In: TARJA EDITORIAL. *FC do B: panorama 2010-2011*. São Paulo: Tarja, 2011, p. 7-11.

BAHRY, T. R.; PORCILE, G. Os ciclos de endividamento da economia brasileira no período 1968-1999. *Revista de Economia contemporânea*, v. 8, n. 1, [S. l.], jan.-jun. 2004, p. 5-32.

BUARQUE, C. *Fazenda modelo: novela pecuária*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976 (Edição Kindle).

CAUSO, R. S. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

EL PAÍS BRASIL. *O lado obscuro do 'milagre econômico' da ditadura: o boom da desigualdade*. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/29/economia/1506721812\\_344807.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/29/economia/1506721812_344807.html). Acesso em: 23 mar. 2019.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GINWAY, M. E. *Ficção científica brasileira*. Tradução de Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005.

\_\_\_\_\_. Uma visão panorâmica da FC Brasileira. In: TARJA EDITORIAL. *FC do B: panorama 2006-2007*. São Paulo: Tarja, 2011, p. 9-13.

HANSEN, J. A. Prefácio. In: CAUSO, R. de S. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 15-23.

MAROUN, K.; VIEIRA, V. *Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade*. Disponível em: <http://200.229.32.55/index.php/psicologiaemrevista/article/view/346>. Acesso em: 6 jul. 2019.

MONT'ALVÃO JÚNIOR, A. P. *As definições de ficção científica da crítica brasileira contemporânea*. Disponível em: [http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL\\_V38N3\\_30.pdf](http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_30.pdf). Acesso em: 6 jul. 2019.

NAPOLITANO, M. *Entre o imperativo da resistência e a consciência da derrota: a literatura brasileira durante o regime militar*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/134587/130388>. Acesso em: 30 nov. 2018.





OLIVEIRA, F. R. de. Ficção científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina. *Contracampo*, n. 9, Rio de Janeiro, 2003, p. 177-198.

OLIVEIRA, R. C. *Da literatura distópica à dispersão dos enunciados do presente: uma análise discursiva das tecnologias do poder e seus mecanismos de controle*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

OLIVEIRA, T. A. R. *Sociedade e política em Fazenda modelo: novela pecuária*, de Chico Buarque. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Mato Grosso, Tangará da Serra, 2016.

OLIVEIRA, T. A. R.; SILVA, A. R. Mapas I e II da *Fazenda Modelo*. In: \_\_\_\_\_. As estruturas de Fazenda Modelo: entre poéticas e políticas. *Revista de estudos acadêmicos de Letras*, v. 7, n. 1, [s. l.], 2014, p. 97-112.

RAMALHO, Z. *Admirável gado novo*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-ramalho/49361/>. Acesso em: 6 jun. 2019.

TAVARES, B. *O que é ficção científica*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

VANDRÉ, G. *Disparada*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandre/46166/>. Acesso em: 6 jun. 2019.

